

5 Considerações Finais?

A grande temporalidade consiste no diálogo infinito e inconcluso no qual não morre nem um só dos sentidos.

(Bakhtin, apud Freitas, 2006:155)

5.1 Introdução

Esta pesquisa surgiu da minha vontade de entender a nossa interação na turma 1701, do meu desejo de compreender por que somos felizes no nosso cotidiano pedagógico. Para buscar os entendimentos desta questão, precisei voltar ao caminho percorrido por mim e procurar na minha história profissional referências que me esclarecessem este momento de felicidade.

Foi um trabalho no qual procurei, dentro da minha história, re-construir e situar momentos significativos que explicam as mudanças e transformações que eu vivi e que me conduziram à nossa experiência feliz de vida pedagógica na turma 1701.

Não posso ignorar, portanto, o valor da minha narrativa individual. Ela é importante na medida em que me ajudou a compreender melhor a narrativa coletiva e recente, de uma história prazerosa.

Esta história feliz, no entanto, foi co-construída num cotidiano, onde eu e meus alunos fomos participantes, criadores e co-construtores; a pesquisa, portanto, ganhou outro sentido com a narrativa de todos os protagonistas. Eu e meus alunos, da turma 1701, juntos, fizemos parte dessa história.

Os enunciados, de todos os protagonistas, ecoados nas cartas construíram a história do coletivo. Nelas estão as trilhas que tomamos na nossa prática diária e que demonstraram como, de forma aproximada, o nosso cotidiano prazeroso se construiu.

5.2 Entendimentos ao longo do caminho

No primeiro capítulo, procurei então, percorrer a história da minha prática pedagógica e chegar, ainda que de uma forma aproximada, a uma compreensão mais aprofundada da origem da minha realidade atual.

Nesta minha narrativa, percebi e relatei que nos primeiros momentos profissionais assumi uma posição monológica de viver a prática pedagógica, onde eu me sentia a dona do saber e a única responsável pela construção do conhecimento; a voz dos alunos era abafada e a voz que não calava era a minha. Não havia em mim, até então, nenhuma valoração em relação ao que o outro traz consigo para a sala de aula e à sua possível participação na construção de conhecimento. No entanto, percebi também, nesta minha reflexão, que esta postura passou a me incomodar e começou a gerar conflitos e questionamentos. A ausência do outro na construção do nosso fazer pedagógico começou a criar a sensação de que estava sendo, dentro da nossa comunidade de prática, um robô. O afeto sufocado, o desejo de diálogo, o desejo de sentir o outro na co-construção da nossa vida em sala de aula começaram a emergir e a gerar a vontade de experimentar uma outra forma de viver o fazer pedagógico. Foi a partir desta fase turbulenta, então, que a relação dialógica passou a permear a nossa interação e o viés para o estado de felicidade se instaurou.

Os primeiros momentos da minha trajetória histórica foram momentos solitários, pois não contei com a participação dos alunos, tinha apenas a minha interpretação, o meu juízo de valor acerca do que realizava. Nesta fase da investigação realizei um diálogo apenas comigo mesma, a resposta e as reflexões do que narrei, vi e senti surgiram das minhas manifestações discursivas, da minha própria voz, diferente do que se refere à fase recente, a qual foi compartilhada e dialogada com os alunos.

Para a compreensão da fase de felicidade, trabalhei com os meus alunos, através das suas cartas, re-construindo a qualidade de vida experimentada por nós. Aqui a minha voz dialogou com os enunciados dos alunos, e encontrei então todos os participantes e construtores que geraram a realidade desta investigação.

No segundo capítulo, relacionei Bakhtin ([1979]2003), Arnold & Brown (1999), van Manen (2006) e Allwright & Bailey (1991) à minha investigação com

o objetivo de fundamentá-la. Entendo que encontrei em Bakhtin lentes para interpretar os registros desta reflexão pedagógica sobre a qualidade de vida do nosso cotidiano escolar. O pensamento bakhtiniano acerca de historicidade, diálogo, vozes e enunciado me permitiram compreender que as vozes, manifestações discursivas, ecoam enunciados que expressam, ainda que de maneira aproximada, a construção da nossa interação dialógica feliz na nossa realidade histórico-pedagógica. A teorização encontrada em Arnold & Brown (1999) e van Manen (2006) me ajudaram a ver e a interpretar o viés afetivo na nossa interação, demonstrado nos enunciados das cartas dos alunos. O embasamento que encontrei em Allwright & Bailey (1991) acerca de receptividade me permitiu perceber a receptividade como um dos pilares na construção de uma convivência feliz.

A relação dialógica, tão bem explicada e defendida por Bakhtin, me deu respaldo para perceber os vários momentos da minha prática profissional e para constatar que foi a partir do momento em que deixei de ter uma postura centralizadora e dominadora que o “outro” passou a fazer parte da construção compartilhada do conhecimento.

O tratamento da complexidade do aspecto afetivo, encontrado em Arnold & Brown e em van Manen, me permitiu reconhecer a importância do vínculo afetivo na nossa relação professora-alunos e perceber que o afeto que permeia a nossa interação é também uma das razões pela qual os alunos demonstram interesse em apreender a língua e em interagir com os outros. Seus enunciados mostram que o afeto sentido por mim em relação ao que faço e a eles é percebido e sentido também por eles.

A percepção da motivação no processo ensino-aprendizagem e a conceituação diferenciada de receptividade, apresentadas por Allwright & Bailey, me mostraram que durante a minha prática, percorri vários atalhos com diferentes alunos, em momentos diversos e multifacetados, em busca da participação e atenção dos alunos e, por que não dizer, do gosto pela disciplina – a Língua Inglesa.

Bakhtin (2003), Arnold & Brown (1999), van Manen (2006) e Allwright & Bailey (1991) me permitiram conhecer algumas possibilidades de interpretar a complexidade do nosso cotidiano pedagógico e a perceber que não há um único olhar para se tratar uma questão; outras reflexões, indagações e compreensões são

possíveis. Estes autores, com sua filosofia e/ou teorias, são nesta minha pesquisa, “a possibilidade de uma partida em busca do conhecimento e não uma chegada (Morin, 1998:335 apud Garcia:25)”.

No terceiro capítulo, identifiquei o caminho metodológico que deu suporte a este trabalho. Situei e relatei as reflexões sobre a Pesquisa Qualitativa e a PE a esta dissertação.

Mostrei que a caracterização da Pesquisa Qualitativa está em consonância com a proposta desta pesquisa, pois ela foi realizada em seu cenário natural e construída a partir das significações atribuídas pelos praticantes à realidade originária da questão investigada. Compreendi que sou narradora e protagonista de uma história permeada de outras vozes. Vozes que são ao mesmo tempo narradoras e participantes desse contexto pedagógico que investigo.

À luz dos princípios da PE, pesquisei minha prática pedagógica com meus alunos, através de atividades pedagógicas que permitiram integrar pesquisa e pedagogia. Busquei co-construir entendimentos e conhecimentos a respeito de nossa relação professora-alunos, dos nossos processos de ensino-aprendizagem e do próprio fazer pedagógico-investigativo.

A qualidade de vida da sala de aula, o objetivo maior do trabalho de entendimento realizado na Prática Exploratória pôde ser percebida nas CAPE – as cartas, onde as vozes dos alunos da turma 1701 ecoaram, em seus enunciados, a qualidade das experiências vividas por nós no nosso contexto pedagógico harmonioso.

O viés exploratório permitiu, portanto que eu compreendesse nossa interação de sala de aula a partir da fala da própria prática, ou seja, da voz dos alunos e da minha; foi esta fala quem construiu o entendimento mais aprofundado da qualidade de vida do contexto experimentado por nós no nosso dia a dia e permitiu os entendimentos acerca da nossa interação prazerosa.

A PE, enfim, por objetivar a busca de um entendimento e não a confirmação de uma teoria, onde, normalmente, se relata um problema à espera de soluções, possibilitou que eu investigasse a minha questão – a nossa felicidade – uma questão positiva.

No capítulo seguinte, busquei o entendimento acerca da minha questão através da análise dos enunciados encontrados nas cartas escritas (CAPE), pelos alunos da turma 1701, para os alunos da turma 1601.

As cartas, intermediadas pela linguagem, através das vozes dos protagonistas, ecoam em seus enunciados julgamentos de valor acerca da nossa interação social, e me permitiram construir entendimentos e conhecimento acerca de como e por que somos felizes em sala de aula.

Fui ao encontro da filosofia de Bakhtin para ancorar a análise interpretativa dos trechos das cartas dos meus alunos porque compartilho com seu pensamento, com sua maneira de ver e sentir o discurso, ou seja, por também acreditar que o discurso da vida acontece em múltiplas vozes, através da linguagem, de forma dialógica.

Procurei, portanto, encontrar caminhos que me ajudassem na análise interpretativa dos trechos das cartas dos meus alunos à luz da dinâmica bakhtiniana, pois, foi ela que me permitiu ver que todas as vozes da nossa comunidade de prática costuraram a história do nosso cotidiano prazeroso e que os seus enunciados ecoaram demonstrações de afeto, receptividade e motivação. E que toda esta atmosfera afetiva contribuiu e contribui para a qualidade de vida de nossas aulas.

Os entendimentos encontrados a partir da análise interpretativa dos dados feita, por mim, acerca do nosso cotidiano pedagógico feliz, nesta pesquisa, não devem ser vistos como entendimentos únicos e definitivos, capazes de “captar toda a intensidade da vida cotidiana (Ferraço, apud Garcia, 2003:173)”. Há outras compreensões possíveis. Esta pesquisa não esgotou todas as possibilidades de entendimentos.

5.3 Outros entendimentos

Na verdade, quando busquei o entendimento das minhas questões, tais como “Por que não me sinto feliz na minha prática?” – fase inicial, “Por que me sinto um robô?” – na fase posterior e “Por que somos felizes no nosso dia a dia na turma 1701?” – fase mais recente, iniciei uma busca de mim mesma dentro do contexto da minha prática de vida na sala de aula.

Foi, portanto o desejo de encontrar respostas, que mostrassem os porquês da nossa felicidade, que me levou a construir a narrativa da minha/nossa história.

Ao fazer este estudo da minha prática social, do nosso cotidiano, me vejo realizando uma reflexão contínua desta prática, onde busco ver, através da linguagem, de que maneira a minha prática feliz se constrói.

Logo, é nesta minha narrativa histórica, é neste trajeto de busca, de querer compreender o que, como fui e sou, e de também ouvir as vozes dos alunos, que surgem as dúvidas, os meus desejos, as angústias, os medos, os fracassos e sucessos.

Esta dissertação tem por finalidade compartilhar aspectos da reflexão que desenvolvi acerca do meu próprio processo de educação continuada. Nesta investigação, busco compreender e explicar a passagem de uma prática pedagógica marcada pela angústia para o estado de satisfação pessoal e profissional, que vivencio com a turma 1701.

Devo esclarecer que a constatação de que vivemos momentos prazerosos nas aulas de Inglês não exclui a percepção de que houve também momentos de embates. Percebi que em uma relação na qual se pratica a negociação de conhecimento e experiências, há certamente espaço para a exposição de pensamentos diferenciados e de momentos tumultuados e barulhentos. Momentos percebidos e sentidos também pelos alunos, “Durante as aulas nós fazemos muita bagunça, mas ...”. (Rodrigo)

Não posso deixar de registrar, nesta pesquisa, que encontrei ao longo do meu caminho estudantil e profissional pessoas – autores, professores, professora-orientadora, alunos e parceiros de trabalho, que também alimentaram a minha alma para buscar sempre o entendimento e o conhecimento.

Preciso enfatizar que o contexto maior, a escola, formado pelos membros da direção, da coordenação, do corpo docente e da família dos alunos facilitou a criação de um espaço pedagógico propício à construção de aulas prazerosas.

Esta pesquisa não se esgota em si mesma. A minha questão é passível de outros olhares, de outras abordagens. Ela permite que estudiosos ancorados, na curiosidade de uma pesquisa exploratória, possam encontrar, nos aspectos levantados nesta investigação ou ainda em outras questões a serem despertadas, motivação para a busca de diferentes e novos entendimentos acerca dos mesmos.

Enfim, a minha pesquisa não pretendeu chegar a nenhuma “verdade”, o que ela expressa é a busca do entendimento de uma questão, e conseqüentemente a construção de conhecimento acerca de por que, hoje, gosto do que faço. No

entanto, vislumbro também a possibilidade de que a minha narrativa profissional, por ser em uma prática social situada, possa estimular outros professores-formadores-pesquisadores a buscar entender, de forma mais aprofundada, a qualidade de vida dentro das suas próprias práticas profissionais.

Espero, ainda, que eu também possa, com este trabalho, de alguma forma ser uma referência de pesquisadora-praticante disposta a compartilhar conhecimento e a perceber outros novos entendimentos acerca do vivido no nosso cotidiano, ou seja, espero junto com Ferraço (apud Garcia, 2003:168), poder “ampliar esse diálogo, envolvendo aqueles que vivem, convivem, inventam, usam, praticam, habitam, ocupam esses cotidianos.”